

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 124

Data: 11.02.88

Pg.: \_\_\_\_\_

## Conflito de 19<sup>os</sup> índios e garimpeiros

Um grave conflito entre garimpeiros e índios gorotires — todos bem armados — poderá ocorrer proximamente no garimpo Cumaru, no Sudoeste do Pará, se as autoridades não agirem rapidamente. Há 15 dias, os vizinhos e proprietários da área foram alertados sobre a presença dos gorotires na Cidade Nova do Cumaru (cidade próxima ao garimpo), armados e pintados para guerra. A intenção dos índios, dizem comerciantes e moradores da cidade, era invadir o garimpo — como há tempos haviam feito com o garimpo mais produtivo da região, o Maria Bonita. Quando alguns garimpeiros quiseram reagir contra a invasão reagrupando-se para se defender, entrou em cena a Polícia Federal. Para proteger os índios, desarmou os garimpeiros. Poucos dias depois houve um acordo com a Caixa Econômica Federal, que possui o monopólio da compra de ouro na região. Por ele os garimpeiros que quisessem voltar a produzir em Maria Bonita pagariam aos índios 10% do total bruto produzido. Os índios da Reserva dos Caiapós (que inclui a aldeia gorotire) começaram a ganhar muito dinheiro.

Neste início de 1988, a situação dos índios mudou. É isto que criou a perspectiva de um conflito armado com os garimpeiros. Explica um empresário conhecedor da região, que vive perto dos fatos:

“O garimpo de Maria Bonita aos poucos foi-se exaurindo, sua produção foi diminuindo, o mesmo acontecendo com o de Cumaruzinho, nas proximidades, também controlado pelos índios. Com a queda da produção, os garimpeiros dos garimpos organizados, e que oferecem mais segurança, como o Cumaru, procuram novos filões, iniciam processos novos de extração do minério, utilizam tratores, moinhos etc. Nos dois garimpos controlados pelos índios, não se sentindo seguros para tais investimentos, preferem retirar-se. Assim, os índios agora voltam suas vistas para o Cumaru, para tentar repetir o que, às custas da violência conseguiram no Maria Bonita e no Cumaruzinho”. E continua:

“Os índios gorotires, acostumados a gastar como milionários, indiferentes a qualquer tipo de obediência ou disciplina, estão de uma hora para outra sem dinheiro e sem perspectiva de conseguir novas fontes de renda. Isto poderá provocar um grande conflito, porque, apesar de a divisa e da demarcação da Reserva dos Caiapós, feita pelo Serviço de Engenharia do Exército, ter sido completada há cerca de dois anos, os índios teimam em incorporar novas áreas às reservas demarcadas, à revelia da Funai, desde que elas tenham garimpo de ouro.”

O número de garimpeiros no Cumaru, hoje, está por volta de cinco mil. Na Cidade Nova há cerca de dois mil habitantes. São sete mil pessoas resolvidas a reagir contra qualquer tentativa de agressão por parte dos índios. Comenta-se que grupos pertencentes aos maiores empreiteiros de lavra já se organizaram e estão aconselhando os vizinhos para que também se armem.

Diretores de uma das empresas da região alertaram a Polícia Federal — uma das poucas autoridades aceitas pelos índios — sobre a situação, mas esta afirma que pouco pode fazer. A Polícia Militar prefere manter-se afastada, pois se trata de um problema de âmbito federal. Com isso, aumenta a tensão na área.

## Hoje, o despejo dos invasores

**PRESIDENTE PRUDENTE  
AGÊNCIA ESTADO**

Alguns caminhões enviados pela Secretaria de Assuntos Fundiários chegaram ontem à gleba XV de Novembro, no município de Teodoro Sampaio, para realizar o despejo de várias famílias de invasores. Também foram contratados homens para ajudar na operação, disse, à tarde, o presidente da Câmara de Teodoro, Flauzilino Araújo dos Santos. Esta manhã, os sem-terra farão manifestação na cidade, onde reafirmarão a decisão de reagir ao despejo, pois, segundo garantem, entraram na gleba com conhecimento do governo.

Uma comissão esteve ontem na Câmara de Teodoro Sampaio, e o vereador Flauzilino Araújo dos Santos falou por telefone com a Secretaria de Assuntos Fundiários. “Queremos negociar”, contou Araújo, entendendo que o governo também deve responder pela situação. “Ninguém da administração ou projeto ignorava a entrada das famílias na área.

Ao contrário, houve incentivo para agirem assim”, argumentou o presidente da Câmara. No mês passado, o diretor da Sociedade de Amigos de Euclides da Cunha, um lugarejo vizinho, Wilson Mário Coutinho, também denunciou o despejo de muitas famílias, depois abandonadas nas margens da estrada Teodoro Sampaio-Rosana.